

A TRAJETÓRIA ESQUECIDA DA FOTÓGRAFA MARGARET MICHAELIS: ENTREVISTA COM HELEN ENNIS

THE FORGOTTEN HISTORY OF PHOTOGRAPHER MARGARET MICHAELIS: INTERVIEW WITH HELEN ENNIS

Erika ZERWES*

Margaret Michaelis nasceu Margarethe Gross, em 1902, na cidade de Dzieditz, que naquele momento pertencia à Áustria, mas que, devido aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, depois de 1919 passou a pertencer à Polônia. Ela nasceu judia e mulher, e se fez fotógrafa e anarquista, durante a primeira metade do século XX.

A curadora e professora da *Australian National University*, Helen Ennis, afirma em *Margaret Michaelis: Love, loss and photography*, a biografia que escreveu sobre ela, que Michaelis fez parte de uma geração de mulheres que passou a ser chamada de “*neue Frau*”, a nova mulher. Estas novas mulheres ocuparam um lugar de visibilidade social a partir do final da Primeira Guerra Mundial, e a fotografia – em especial a de estúdio – era uma das profissões abertas a elas, e às quais elas recorreram (MESKIMMON, WEST, 1995). Margaret Michaelis realizou em Viena, entre 1918 e 1921 uma formação técnica em fotografia bastante completa, e em seguida, trabalhou em estúdios fotográficos em Viena, Praga e Berlim (para este e os próximos parágrafos, ver ENNIS, 2005; MENDELSON, LAHUERTA, 1998).

Foi em Berlim que, em 1929, ela conheceu seu primeiro marido, o militante do grupo anarco-sindicalista FAUD (*Freie Arbeiter Union Deutschlands*, ou União dos Trabalhadores Livres da Alemanha) Rudolf Michaelis. Enquanto trabalhava em diversos estúdios fotográficos, Margaret também se envolveu com o grupo. Em 30 de janeiro Hitler assumiu o poder na Alemanha e suprimiu a FAUD, e já no dia 9 de março Margaret foi presa na livraria que abrigava o grupo na clandestinidade, e liberada alguns dias depois. Em 4 de agosto foi a vez de Rudolf ser preso, só sendo liberado depois de cinco semanas, e com muito custo. Em dezembro deste mesmo ano de 1933, temendo por sua segurança, o casal deixou a Alemanha em direção à Espanha, para onde já

* Doutora em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, IFCH-UNICAMP. Pós Doutoranda – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, MAC USP, São Paulo, Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: erikazerwes@gmail.com.

havia imigrado amigos alemães também membros da FAUD.

O período em que viveu na Espanha, entre 1934 e 1937, foi o único período da vida de Margaret Michaelis em que ela desenvolveu um trabalho mais prolongado com fotografia de rua e fotojornalismo, em oposição à fotografia de estúdio. Em Barcelona, ela abriu um estúdio que fazia imagens publicitárias, mas também publicou fotografias na revista *A.C. Documentos de actividad contemporánea*, editada pelo *Grup d'Arquitectes i Tècnics Catalans per al Progrés de l'Arquitectura Contemporània* (ou GATCPAC, regional catalã do GATEPAC, braço espanhol do CIAM). Este grupo ao mesmo tempo que congregou artistas e arquitetos do movimento modernista, estava fortemente ligado com a Terceira República. Quando houve o levante militar capitaneado por Franco, em junho de 1936, Margaret passa a fotografar nas ruas a vida dos habitantes de Barcelona sob a guerra. Em meados do ano de 1937, Margaret e Rudolf já estavam separados, quando, em meio aos expurgos stalinistas contra os sindicatos e movimentos anarquistas, conhecidos como os “acontecimentos de maio” em Barcelona (ORWELL, 2003), Rudolf foi novamente preso, desta vez pelas forças republicanas. Ao final deste ano Margaret deixa a Espanha.

A biografia da fotógrafa nos informa que, depois de sair da Espanha, Margaret passou pela França e por sua terra natal, agora incorporada à Polônia, mas que as dificuldades levantadas pelo antissemitismo a levaram a buscar um visto para a Inglaterra, para onde foi em dezembro de 1938. Depois de alguns meses vivendo em Londres e trabalhando como empregada doméstica – a única possibilidade de emprego que lhe foi dada – Margaret continuou a buscar outras possibilidades de imigração, desta vez para fora da Europa. Em julho de 1939, no mesmo dia em que seus dois irmãos conseguem um visto para a família, e para ela, para se estabelecerem na cidade de São Paulo, o pedido que ela havia feito de visto para a Austrália é também concedido.

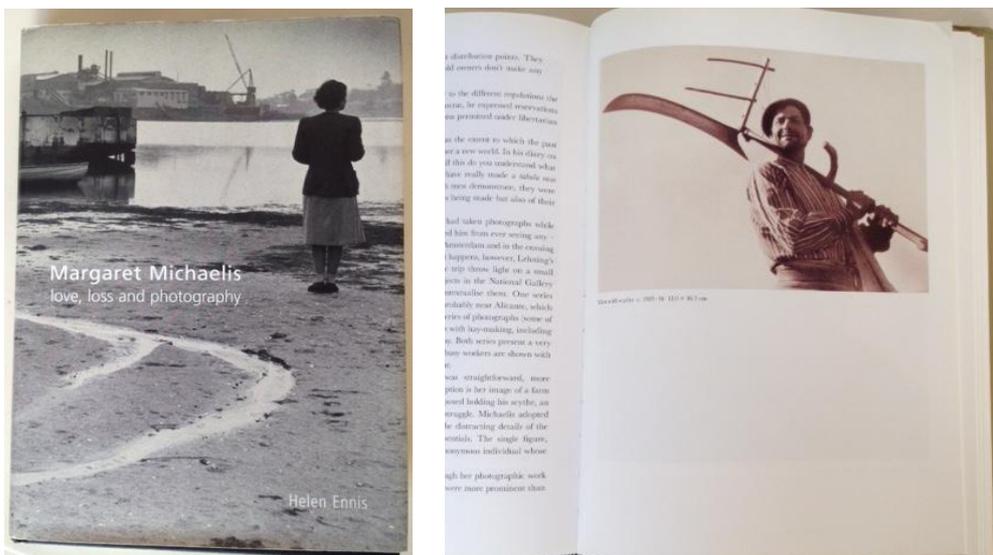
Margaret escolheu ir sozinha para Sydney, onde abriu um estúdio de retratos fotográficos em 1940. Se tornou membro do *Professional Photographers Association de New South Wales* no ano seguinte, mas permaneceu durante os anos da Segunda Guerra Mundial sob vigilância do governo por ser um “inimigo estrangeiro”. Ao fim da guerra se naturalizou australiana, e, em 1960 se casou pela segunda vez, com o também imigrante austríaco Albert George Sachs.

Helen Ennis conheceu Margaret Michaelis Sachs em 1985, três décadas depois dela ter abandonado a fotografia, em uma casa de repouso de Melbourne. Ela era uma jovem curadora da *National Gallery of Australia*, e entrou em contato com Michaelis

para adquirir algumas fotografias para a instituição. Sua vida e sua obra tinham caído em completo esquecimento, mas as investigações de duas pesquisadoras chamaram a atenção para o trabalho dela. Este ano de 1985 seria o ano de sua morte, mas Margaret ainda estava completamente lúcida nestas entrevistas. Segundo Ennis, “de quando em quando a Sra. Sachs fazia perguntas sobre mim. O que eu achei da qualidade das reproduções fotográficas nos livros que ele me mostrou? Quais eram minhas opiniões sobre feminismo? Se eu sabia quem eram Saccho e Vanzetti?”¹. As preocupações políticas de quem viveu mulher, judia e anarquista durante os tempos sombrios do século XX transparecem². Esta é uma história de derrotados. Por sua origem judia, Michaelis foi retirada de suas raízes. Por ser anarquista, perdeu duplamente a luta na Espanha – os comunistas derrotados reescreveram esta história não como a revolução defendida pelos anarquistas, mas como guerra civil.

Nesta entrevista, Ennis a coloca lado a lado com outras três mulheres fotógrafas que estiveram no conflito espanhol, Tina Modotti (1896-1942), Gerda Taro (1910-1937) e Kati Horna (1912-2000). Modotti esteve na Espanha trabalhando para o Partido Comunista Soviético (AGOSTINIS, 2008). Taro trabalhou para a imprensa comunista, mas tinha uma postura independente que foi interrompida precocemente com sua morte em 1937 (SCHABER, 2006). Já Horna, assim como Michaelis, era ligada ao anarquismo. Kati Horna fugiu da Espanha para o México em 1939, trazendo consigo uma técnica, estética e ética fotográfica para o novo mundo (RODRÍGUEZ, 2013). Embora Ennis nos diga que não acredita que Michaelis tenha interagido de forma decisiva com outros fotógrafos nos anos da Segunda Guerra, ela reconhece a importância da formação e do desenvolvimento de seu fazer fotográfico na Europa do entre guerras – uma característica que, assim como Horna, Michaelis carregou consigo em sua fuga para o novo mundo. A importância de reconstruir a história destas mulheres vem também da capacidade de agirem como vetores para a disseminação do fazer fotográfico pelo mundo³.

A entrevista a seguir foi realizada por e-mail, a pedido da entrevistada, depois de uma longa conversa por telefone.



Imagens 1 e 2. Capa e páginas do livro *Margaret Michaelis: Love, loss and photography*, de Helen Ennis.

Você poderia falar um pouco sobre como você entrou pela primeira vez em contato com o trabalho da fotógrafa Margaret Michaelis? Quais aspectos da vida e obra dela que particularmente chamaram a sua atenção?

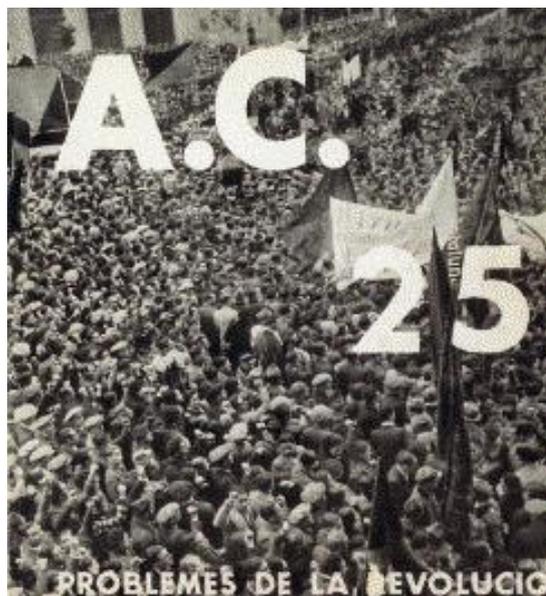
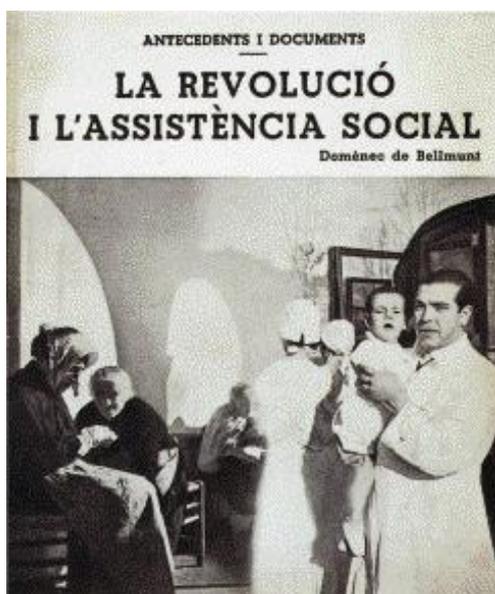
O trabalho de Michaelis foi trazido para a atenção do público na Austrália primeiro por umas acadêmicas feministas, Barbara Hall e Jenni Mather, que trabalharam em um projeto sobre Mulheres Fotógrafas Australianas em fins dos anos de 1970 e começo dos anos de 1980. Elas publicaram exemplos do trabalho de Michaelis no livro delas, *Australian Women Photographers* [Mulheres Fotógrafas Australianas], e eu fiquei realmente impressionada quando eu vi as imagens. Ter uma combinação assim de incríveis visualidades europeias e australianas era bastante incomum.

Então, para mim, o contexto inicial foi o do feminismo. Mas depois de me tornar mais familiarizada com a Margaret Michaelis e a sua obra, outro contexto importante foi o da contribuição para a fotografia australiana – e para o mundo da arte de modo mais geral – feita por emigrados europeus, deslocados pela Segunda Guerra Mundial. Eu escrevi sobre isso em um livro editado por Roger Butler na *National Gallery* [a Galeria Nacional Australiana], que se chama *The Europeans* [Os Europeus]. Também foi importante para mim o encontro que tive pessoalmente com Michaelis, e a oportunidade que me levou a pensar sobre biografias e as particularidades das vidas e experiências de mulheres.

No seu livro, você afirma que a fotografia de estúdio era uma profissão aceita para mulheres na década de 1920, e foi assim que a Michaelis foi treinada naquela época. Como você vê então esses anos formativos dela na Europa do entre guerras, e a importância deste período para o futuro trabalho dela – entre outros – como fotógrafa durante a Guerra Civil Espanhola?

Certamente, seus anos na Europa foram cruciais para o seu treinamento em fotografia, pois ela teve uma formação bastante completa em retrato de estúdio. Mas o círculo no qual ela se viu inserida foi também incrivelmente importante, e o contato que ela teve com anarquistas radicais em Berlim e Barcelona estimulou transformações na sua prática fotográfica. Viver em Barcelona foi uma experiência que mudou a vida dela, pois a levou a entrar em contato com projetos utópicos de arquitetos de esquerda. Ela pôde então ver como a fotografia poderia ter um papel social e político. A fotografia não precisava ficar confinada à burguesia, para aqueles que ganhavam bem o suficiente para mandar fazer belos retratos de si mesmos. No entanto, depois que ela fugiu da Espanha, ela não teve mais oportunidade de ir atrás do tipo de trabalho engajado política e socialmente que ela vinha fazendo. Aquele trabalho pertencia a um momento histórico muito particular e incrivelmente intenso.

Ela também havia sido fundamentalmente transformada pelas experiências de deslocamento, vindo para a Austrália sem amigos ou família. O destino de sua família e amigos judeus, e o isolamento na Austrália, causaram nela um longo e duradouro impacto psicológico.



Imagens 3 e 4. Capas do folheto *La revelució i l'assistència social*, Barcelona, 1937, e da revista *A.C. Documentos de actividad contemporánea* n.25, 1937, com fotografias de Margaret Michaelis.

Você cita o primeiro marido da fotógrafa, que diz que Margaret Michaelis não era engajada politicamente a princípio, mas que foi levada a se engajar por conta de toda a perseguição sofrida devido à ascendência judaica dela e à militância anarquista dele. O trabalho de Michaelis na Espanha, logo antes e durante os primeiros meses da Guerra Civil, demonstram que efetivamente ela era politicamente engajada com o lado republicano. Como você vê a relação dela com o anarquismo? Você acha possível ver este envolvimento político nas próprias imagens?

Eu não encontrei evidência de que a Michaelis era engajada politicamente antes de conhecer o Rudolf [Michaelis, seu primeiro marido]. O trabalho que ela fez em Viena é bastante convencional. Então as mudanças que começam a ficar aparentes quando ela morava em Berlim, na minha opinião, realmente se devem muito ao contato dela com ele e com outras pessoas de esquerda. É na Espanha, no entanto, que o trabalho da Margaret Michaelis, por causa das suas circunstâncias e da sua política, se tornam abertamente políticos.

Veja o que ela escolhe fotografar – a sua temática diz muito. Pessoas comuns, trabalhadores, mulheres, médicos. Estes são os heróis do movimento republicano, mas eles são também mostrados como pessoas comuns.

A sua pesquisa indica que a atividade política da Margaret Michaelis, e as subsequentes perseguições sofridas pelos anarquistas, foram fundamentais para a ida dela para a Espanha, e depois para a Austrália. O longo caminho dela de imigração por países da Europa, e depois para outro continente, foi de certo modo seguido por muitos durante aqueles “tempos sombrios”. Na sua opinião, as viagens da Michaelis podem ter ajudado a estabelecer um intercâmbio de práticas e estéticas fotográficas? Você vê isto na biografia dela?

A “escolha” da Michaelis de ir para a Espanha não foi exatamente livre. Ela e o Rudolf tiveram que sair de Berlim super rápido e havia uma certa lógica em ir para Barcelona, por conta do envolvimento de seus amigos com o anarco-sindicalismo e a esperança pela revolução que as pessoas de esquerda tinham (de onde quer que elas viessem). Eu não acho que a Margaret Michaelis teve um controle completo sobre o destino final dela – a Austrália – também. Certamente ela tinha que sair da Europa, sendo judia e sendo de esquerda, mas ela estava submetida a todos os processos e aprovações impostos pelos governos estrangeiros. O *timing* dela foi afortunado, porque a Austrália recebeu imigrantes em 1939, mas depois houve um intervalo. A próxima grande admissão de imigrantes aconteceu depois da guerra, e nessa ocasião ela poderia ter tido menos chance, porque daí a prioridade era receber as pessoas deportadas que ainda permaneciam em campos na Europa.

Então o que estou dizendo é que ela não teve a capacidade de exercer tanta autonomia quanto pode-se pensar hoje em dia. Ela era vulnerável e correu perigo em um tanto de momentos cruciais, e teve que agir rapidamente, não necessariamente com uma grande dose de premeditação e planejamento. Eu penso que, dado o tumulto na Europa em 1937-38, ela podia não estar fazendo muita fotografia, e eu não tenho informação sobre quaisquer interações com outros fotógrafos neste momento.

Como você vê o trabalho e o legado dela enquanto uma mulher fotógrafa, em comparação com outros fotógrafos homens – de estúdio ou de guerra?

A Margaret Michaelis sofreu o destino de muitas mulheres da sua geração e do seu tempo. Isto é, o trabalho dela não era muito conhecido, porque desapareceu da exibição pública por décadas. Algumas das razões para isso foram pessoais, mas são também típicas. O resgate do trabalho e da reputação dela também é típico, e tem a ver,

principalmente, com o trabalho de historiadores da arte e biógrafos feministas – estou pensando em [Tina] Modotti, [Kati] Horna, [Gerda] Taro, etc.

Na biografia de Michaelis você fala sobre a materialidade das imagens, e como estar em contato próximo com elas ajudou você a entender melhor o trabalho dela. Você poderia comentar sobre este aspecto da pesquisa em arquivos de fotografia?

No meu ver este tem sido um dos desenvolvimentos mais animadores na história e teoria da fotografia. A antropóloga visual inglesa Elizabeth Edwards tem tido importância nesta área, por meio de seus escritos e de suas curadorias. O que nós temos visto é uma mudança de pensar a fotografia apenas enquanto imagem, para pensar a fotografia também como objetos com histórias e características físicas muito distintas.

Eu tenho um longo envolvimento com fotografia, por meio do meu trabalho curatorial, e eu sempre fui especialmente interessada na materialidade das fotografias. O que o tamanho diz, o que as inscrições indicam, o que a apresentação transmite, como as condições estimulam narrativas, etc.

Qual seria, na sua opinião, a importância de arquivos como o dela, que se encontra na National Gallery of Australia?

Eu acredito que o arquivo é incrivelmente importante, para historiadores da fotografia, mas também para a história, já que algumas das fotografias da Michaelis dizem respeito a grandes eventos do século XX. Foi bastante comovente ver como historiadores e historiadores da arte espanhóis responderam ao ver alguns aspectos do seu passado sendo devolvidos para eles, quer dizer, quando eles puderam ver as fotografias que ela havia feito na Espanha e que estavam perdidas por décadas. A exposição em Valencia devolveu a visibilidade para elas por um breve momento. Pessoalmente, eu também tenho muito interesse no tipo irregular de arquivos como é o da Michaelis – fotografias de todos os tipos, cartas, escritos pessoais, etc. Juntas, essas coisas fornecem oportunidades maravilhosas de exploração.

Por fim, quais os desafios e possibilidades que você encontrou pesquisando uma vida que foi por vezes marcada pela imigração e pela perseguição?

Muitos! A própria Michaelis era uma pessoa muito complexa, mas eu saí de nossos encontros com um sentimento de grande respeito por ela e pelo trabalho dela. Ela era uma pessoa que poderia ter desistido de tudo por causa de toda a tragédia que ela viveu. Ao invés disso, ela escolheu continuar e colocar toda a sua energia em fazer retratos por muitos anos antes de chegar aqui [na Austrália]. Quando eu conheci ela em 1985, ela ainda era muito vivaz [*as bright as a button*], interessada em todos os tipos de coisas.

Referências

- A.C. *Documentos de actividad contemporánea* n.25. Barcelona, 1937.
- AGOSTINIS, Valentina (ed). *Tina Modotti. Vita, arte e rivoluzione. Lettere a Edward Weston*. Milano: Ascondita, 2008.
- ENNIS, Helen. *Margaret Michaelis: Love, loss and photography*. Canberra: National Gallery of Austrália, 2005.
- La revelació i l'assistència social*, Barcelona, 1937.
- MENDELSON, Jordana, LAHUERTA, Juan José. *Margaret Michaelis. Fotografía, vanguardia y política en la Barcelona de la República*. Valencia: IVAM Institut Valencià d'Art Modern, 1998.
- MESKIMMON, Marsha, WEST, Shearer. *Visions of the Neue Frau*. Ashgate: Scholar Press, 1995.
- ORWELL, Geroge. *Lutando na Espanha*. São Paulo: Globo, 2006.
- RODRÍGUEZ, José Antonio, et. al. *Kati Horna*. México, DF; Barcelona: Editorial RM, 2013.
- SCHABER, Irme. *Gerda Taro, Une photographe révolutionnaire dans la guerre d'Espagne*. Monaco: Éditions du Rocher, 2006.

¹ “Every now and then Mrs Sachs would ask questions of me. What did I think of the quality of photographic reproductions in books she showed me? What were my views on feminism? Did I know who Saccho and Vanzetti were?” (Tradução livre da autora). ENNIS, Helen. *Op. cit.*, p. 3.

² Depois de sua morte, o arquivo de imagens e escritos de Margaret Michaelis foi doado para a *National Gallery of Austrália*, e finalmente redescoberto. Foi exposto em uma sala especial nesta instituição, depois foi retomado por pesquisadores espanhóis. Entre 1998-99 houve uma exposição de suas fotografias da Espanha no IVAM em Valencia, e em 2005 houve uma grande retrospectiva de seu trabalho também na NGA.

³ O site da NGA tem disponível para consulta uma galeria com fotografias selecionadas do arquivo de Margaret Michaelis: <http://cs.nga.gov.au>

Entrevista recebida em 07/04/2016. Aprovada em 18/11/2016.